IV enanparq
Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

RUDOLPH ATCON, ENTRE O EDUCACIONAL E URBANÍSTICO

SESSÃO TEMÁTICA: O CAMPO DE PESQUISA SOBRE OS ESPAÇOS UNIVERSITÁRIOS NO BRASIL

Klaus Chaves Alberto
Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído | Universidade Federal de Juiz de Fora
klaus.alberto@ufjf.edu.br

Gabriella Inhan
Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído | Universidade Federal de Juiz de Fora
inhangabriella@gmail.com

RUDOLPH ATCON, ENTRE O EDUCACIONAL E URBANÍSTICO

RESUMO

O presente artigo investiga a atuação do consultor norte-americano Rudolph Atcon no processo de revisão do ensino superior no Brasil na década de 1960. O objetivo principal é o entendimento do pensamento de Atcon sobre a estrutura universitária, tanto no campo educacional quanto no físico, e seu impacto no planejamento de algumas universidades brasileiras. Neste sentido foram analisados os livros: Rumo a Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira (1966) e o Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário (1970). Essas obras sintetizam as propostas do consultor norte-americano. Nessa pesquisa, priorizamos fontes primárias tais como as publicações do próprio Rudolph Atcon no Brasil, incluindo cartas extraídas do Centro de Documentação da UNESCO. Para um entendimento mais amplo do período nós utilizamos textos que relatam e avaliam sua atuação no Brasil. Neste artigo foi possível identificar que as diretrizes defendidas por Atcon em suas propostas de políticas educacionais para o ensino superior no Brasil, suas publicações e suas consultorias tiveram forte impacto nas estruturas administrativa, pedagógica, física de diversas universidades no Brasil. Percebe-se que Rudolph Atcon tornou-se um ator privilegiado no processo de reforma universitária na década de 1960 não apenas por atuar no campo político e administrativo, mas também por relacionar suas propostas para a reforma universitária com uma estratégia de planejamento físico das universidades.

Palavras-chave: Rudolph Atcon. Campus. Ensino Superior.

RUDOLPH ATCON BETWEEN THE EDUCATIONAL AND URBANISTIC

ABSTRACT

This paper investigates the performance of the US consultant Rudolph Atcon in the review process of higher education in Brazil in the 1960s The objective is the understanding of the thought of Atcon about university structure and its impact on planning some universities Brazilian. In this sense the books were analyzed: Towards Structural Reformulation of the Brazilian University (1966) and the Manual About Integral Planning of the University Campus (1970). These works summarize the proposals of the US consultant.In this research, we prioritize primary sources such as the own Rudolph Atcon publications in Brazil, including extracted letters of UNESCO Documentation Centre. For a broader understanding of the period we use texts that report and evaluate its activities in Brazil. In this article, we observed that the guidelines advocated by Atcon in its proposals for educational policy for higher education in Brazil, its publications, and its consultants have a strong impact on the administrative, educational and physics structure of several universities in Brazil. Rudolph Atcon has become a privileged actor in the university reform process in the 1960s. He acted not only in the political and administrative field but also in campus planning.

Keywords: Rudolph Atcon. Campus. Higher Education.

1. INTRODUÇÃO[1]

Parte da história do ensino superior caracteriza-se por períodos de consolidação e por períodos de renovação de perspectivas a respeito do próprio campo. O autor Luiz Antonio Cunha (2007a, 171), destaca alguns períodos marcantes desta história na América Latina: inicialmente o movimento dos professores peruanos, a partir de1899, de insatisfação com o sistema educacional vigente. Essa luta se expandiu para demais países consolidando-se no I Congresso de Estudantes Latino-Americanos, que aconteceu em 1908 na cidade de Montevidéu, no Uruguai, seguida por Buenos Aires (1910) e Lima (1912). Através desses eventos, muito se debateu a respeito do campo educacional, criou-se a Federação dos Estudantes do Peru (1916) e a Federação Universitária Argentina (1918). Esta segunda, em seu primeiro congresso, realizado em Córdoba, criou a Carta Magna da Reforma Universitária. Esse texto foi um marco por consolidar, entre outros temas, uma reação à autoridade oligárquica das universidades, possibilitando uma maior influência dos próprios estudantes, e a capacitação dos docentes. Somente por volta de 1929 os estudantes brasileiros incorporaram-na em sua pauta no Manifesto dos Estudantes Brasileiros em Porto Alegre, no mesmo ano. Durante essa fase, Getúlio Vargas chegou a receber estudantes e escutar suas propostas e indignações, mas ainda sem resultados positivos. O ano de 1938 foi um ano produtivo nessa temática para o Brasil, aconteceu na cidade do Rio de Janeiro o II Congresso Nacional dos Estudantes, onde foi aprovado o Plano de Sugestões para a Reforma Educacional Brasileira, sendo uma delas a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), que foi acatada pelos congressistas (Cunha, 2007a, 171-174).

Muitos foram os congressos que debateram as necessidades de renovação das Instituições educacionais brasileira, Segundo os pesquisadores Gelson Pinto e Ester Buffa (2009, 107), após a 2ª Guerra Mundial que estes debates consolidaram o papel das universidades como uma plataforma de “desenvolvimento científico e tecnológico” na qual a pesquisa deveria alavancar o ensino (PINTO; BUFFA, 2009, p.107). Em 1961 foi publicado na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos um texto de Anísio Teixeira, então diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, que demonstra o aumento de novas instituições de ensino superior nos anos recentes. Em cento e trinta e sete anos, considerando 1808 a 1945, 181 instituições foram implantadas, número superado pelos quinze anos posteriores, de 1945 a 1960, onde o foram criadas duzentos e vinte e três instituições. Esses dados foram tratados por Anísio como justificativa para a necessidade de mudanças no ensino superior brasileiro (Teixeira, 1961).

[1] Esse artigo foi apresentado em 2014 no Congresso Ibero Americano de História da Educação.

A mudança política do país, que saía do Estado Novo (1937 - 1945) e entrava no Período Democrático (1945 - 1964), logo após o final da 2º Guerra Mundial, deixou o país em uma situação financeira favorável. O país se desenvolveu com a política de industrialização, e ainda se beneficiou com as exportações durante o período da guerra (Fausto, 2003, p.395-443). Essas mudanças vieram atreladas a outras que, na área da educação, se marcou pelo retorno a vida pública de Anísio Teixeira e outros educadores reformistas, que estiveram afastados durante o governo de Vargas (Cunha, 2007a, p.31, apud Alberto, 2008, p.85).

Durante o governo de Eurico Dutra (1946-), Clemente Mariani, membro da União Democrática Nacional (UDN), ao assumir o Ministério da Educação propõe uma reforma na educação, em 1948 o projeto foi recebido pela Câmera Federal, mas sendo aprovado apenas em 1961, sob a Lei 4.024 (Romanelli, 1978, p.171, apud Alberto, 2008, p.86).

Em 1968 essas discussões resultaram na Lei 5.540/68, que rege o ensino secundário e superior. Na avaliação do pesquisador do ensino superior no Brasil, Luis Antonio Cunha (1943: 169), o processo de reformulação do sistema universitário iniciou-se primeiramente com os próprios estudantes reivindicando melhores condições e capacitação, em seguida os professores aderiram e posteriormente o Estado se manifestou, reformulando as questões iniciais dos estudantes, onde Cunha enfatiza ter se tornando um “mero apoio à modernização do ensino superior” (Cunha, 1943, 169).

O vínculo do consultor Rudolph Atcon com o Brasil se iniciou desde 1951, estreitando-se na década de 60, estando à frente de muitos estudos e trabalhos direcionados para o ensino universitário do país. Sua trajetória profissional esteve ligada a organizações de grande relevância. No Brasil, trabalhou junto a CAPES (Campanha de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao CRUB (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras). No entanto também atual, no âmbito internacional, junto a USAID (United States Agency for International Development) e a OEA (Organizações dos Estados Americanos).

O objetivo deste artigo é o entendimento do pensamento de Atcon sobre a estrutura universitária, tanto no campo educacional quanto na sua tradução física por meio da criação de campi universitários. Para o desenvolvimento deste trabalho foram pesquisadas fontes primárias e secundárias, priorizando as primeiras. Rudolph Atcon foi contratado para desenvolver estudos que resultaram em publicações oficiais, o acesso a estas fontes facilitou o entendimento de suas diretrizes. Ainda foram consultadas correspondências entre Rudolph Atcon e Anísio Teixeira consultadas no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), e documentos históricos das universidades nas quais ele atuou. Para um entendimento mais amplo do período ainda foram consultadas fontes

secundárias compostas por livros e artigos sobre a Reforma Universitária no Brasil e textos que relatam e avaliam a atuação de Atcon.

2. TRAJETÓRIA DE ATCON

Atcon nasceu na Grécia em 31 de maio de 1921, posteriormente naturalizou-se norte-americano, país onde teve uma formação ampla, cursando engenharia civil (1943) pela Union College, Schenectady, Nova York. Em 1949 se formou em artes liberais pela Amberst College, Amherst, em Massachusetts. Também em Massachusetts (1951), fez pós-graduação em filosofia de ciências e lógica simbólica pela Harvard University. Com uma vasta cultura em línguas, Atcon lia, escrevia e falava com fluidez: Alemão, Francês, Grego, Português, Espanhol e inglês, além de compreender grego clássico e latim (Atcon, 1973, p.179,180).

Figura 01- Rudolph Atcon. Fonte: Acervo Amherst College

Seus trabalhos não se limitaram apenas ao Brasil e aos Estados Unidos, prestou serviços a muitas universidades da América Latina, como: Venezuela (ATCON, 1973, p.186) (ATCON; TRUCCO, 1973, p.180 e 186), Chile e Colômbia (ATCON; TRUCCO, 1973, p. 186-187); na

América Central: República Dominicana, Honduras (ATCON, 1973, p.184-186) e México (ATCON; TRUCCO, 1973, p. 188- 189); e Europa: Alemanha (ATCON, 1973, p.184-185) e Portugal (ATCON, 1973, p.185).

Figura 2 - Países em que Rudolph Atcon atuou como consultor em universidades. Fonte: elaborado pelos autores

Sua primeira ligação com o Brasil aconteceu no mesmo ano em que se pós-graduou pela Harvard University, como assistente pessoal do Jefe para Salud Pública, Sanidad y Bienestar del IIAA. Em 1952, Anísio S. Teixeira o convida a auxilia-lo na reestruturação da CAPES (Atcon, 1973, 180-183) e no ano seguinte assumiu a diretoria adjunta da CAPES, onde permaneceu até 1956 (Atcon, 1984, 11). A sua estada à frente da CAPES, teve relevante influência na reformulação do ensino superior no Brasil, entre outros motivos, pela sua atuação, em 10 países europeus, durante 5 meses do ano de 1953, para a contratação de pesquisadores e professores para as universidades do Brasil (Atcon, 1973, 183).

Ainda em 1956, assumiu a chefia da Divisão de Educação do Instituto de Microbiologia na Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1957. Em 1958 continuou prestando serviços ao país, se desdobrando com relações com universidades chilenas. Ainda no Brasil, no decorrer do mesmo ano, assessorou (1958-1960) autoridades brasileiras que eram encarregadas da criação da Universidade de Brasília (UnB) (Atcon, 1973, 183-184). Segundo cartas consultadas no CPDOC, o seu contato com o tema foi feito diretamente por meio do então Secretário Geral, Anísio Teixeira que, em janeiro de 1961, enviara a Atcon as últimas documentações sobre a UnB (Teixeira, 1961).

Após sua contribuição para a Universidade de Brasília, Atcon interrompe por 3 anos sua atuação direta no Brasil, retornando em 1963 para assessorar o Diretor de Educação Superior do Ministério Brasileiro de Educação e Cultura. Com esse retorno, o consultor aproveita para passar sete meses na cidade do Rio de Janeiro com o motivo de organizar as análises feitas em visita às Universidades Alemãs, resultando na publicação de 1964, em alemão, do livro Zum Strukturwandel de deutschen Universitat (Atcon, 1973, 185-186).

A relação do consultor com o país se firmou quando, na década de 60, o Ministério da Educação Brasileiro (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID) firmaram um acordo vislumbrando a criação de convênios para estimular a educação brasileira através de assistência técnica e financeira. Os anos de maior relevância dos acordos aconteceram entre junho de 1964 e janeiro de 1968. Para essa tarefa foram designados técnicos norte-americanos com objetivos voltados para adequação do sistema brasileiro aos quesitos internacionais, especificamente os norte-americanos. Esse acordo entre MEC e USAID não teve uma eficácia imediata mas, posteriormente, norteou durante a Ditadura Militar a reforma educacional brasileira (Minto, 2013). Um dos técnicos enviados ao Brasil pelos Estados Unidos foi justamente Rudolph Atcon (Serrano, 1974, 11).

Em 1965, foi Assessor do Ministro da Educação e Cultura do Brasil, onde a Divisão de Educação Superior encomendou a preparação de um estudo crítico de comparação da situação atual com a década anterior e as mudanças na Universidade de Brasília. Ainda no mesmo ano assessorou a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com o intuito de recomendar um modelo e programa de reforma institucional, que posteriormente foi publicado com o título, Proposta para a reestruturação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (Atcon; Trucco, 1973, 187).

No seu livro Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira de 1966, por achar necessário uma reformulação de grande parte das Universidades brasileiras, o consultor propõe a criação de um Conselho de Reitores que financiaria estudos que atendessem adequadamente a realidade universitária do país, englobando aspectos estruturais,

pedagógicos e administrativos (Atcon, 1966, 13). Nesse mesmo ano, Fortaleza recebeu o VI Fórum dos Reitores das Universidades Brasileiras, que se destacou pela criação de uma comissão de 5 participantes, voltada para estudos mais aprofundados de melhoria das universidades do país. Apesar dos fóruns terem dado um bom auxilio, os reitores brasileiros sentiam a necessidade da criação de algo mais forte e incisivo, e tomaram como exemplos o da Alemanha, Chile e América Central, que criaram os seus Conselhos de Reitores através do mesmo idealizador. Em abril de 1966, já no Rio de Janeiro, o VII Fórum dos Reitores apresentou uma proposta de criação de uma instituição para o devido fim. Foi nesse contexto que a proposta de Atcon se materializou e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, o CRUB, em 30 de abril de 1966 deu início a seus trabalhos. Segundo Dias (1989, 13-16), os créditos da criação do Conselho não podem ser atribuídos apenas ao consultor, apesar de sua vasta experiência e por ter aplicado a mesma ideia em outros países, os reitores já tinham grande interesse em melhorar o desempenho dos seus estudos justificando que, desde a década de 50, o ensino superior era um grande problema aguardando uma rápida melhora, e o governo da União federalizara - por lei de iniciativa do Congresso - algumas universidades tradicionais e criara, também por lei, outras tantas [...]. Era necessário tratar não apenas de administra-las, mas também de fazê-lo de modo eficaz; e isso implicava moderniza-las (Dias, 1989, 13-16).

Em seguida a fundação do CRUB, no mesmo ano, Atcon foi designado para ser o primeiro secretário executivo, mantendo-se por um período de dois anos (1966-1968) a cargo de sua organização e operação inicial. Um dos resultados do seu trabalho foi, em 1968, a publicação do Manual Sobre o Planejamento Integral de Campus, solicitado pelo próprio CRUB (Atcon; Trucco, 1974, 187-188).

Em maio de 1970, conciliou duas visitas ao Brasil para retomar contatos universitários no Espírito Santo, Guanabara e Rio Grande do Sul, com uma viagem ao Texas para Conferência no Primeiro Seminário de Houston sobre modernização universitária na América Latina (Atcon; Trucco, 1973, 189).

A partir de 1980 passou a se dedicar mais a escrita, transcrevendo suas experiências e pensamentos. Um dos resultados destas reflexões foi a publicação do livro A Síndrome da Densidade, que não trata diretamente de pensamentos relacionados às universidades, mas relembra suas passagens e ideias sobre a "densificação" do planeta Terra (Atcon, 1984: 12). Esse assunto foi recorrente em suas publicações sobre a reformulação universitária, por interagir com a necessidade de uma melhoria na educação, já que o crescimento populacional exigia uma melhor qualificação dos seus profissionais.

3. PROPOSTAS DE ATCON PARA AS UNIVERSIDADES

Em sua proposta para a Reforma Universitária no Brasil Atcon destaca dois princípios fundamentais: a necessidade de uma universidade integrada e o entendimento do momento de que o desenvolvimento econômico de um país tem uma ligação direta com o desenvolvimento educacional (Atcon, 2009, 4-5).

A criação de uma universidade integral, para Atcon significava uma interligação entre "ensino, pesquisa e extensão", englobando a totalidade dos cursos e sob uma regência, visando tanto o indivíduo como a comunidade (Serrano, 1974: 8), e ainda funcionando como uma empresa privada, e não um serviço público (Atcon, 1966, 82).

A ideia era romper com o modelo universitário tradicional, que privilegiava o desenvolvimento de profissionais liberais com uma formação ampla (Pinto; Buffa, 2009, 107). Mas sua interferência abrangia não apenas a parte pedagógica envolvia questões físicas e administrativas (Serrano, 1974, 9).

Dentro de suas teorias, a universidade teria quatro tarefas a cumprir: educar, promovendo meios para o desenvolvimento pessoal dos alunos, considerando suas habilidades; estreitar laços com a comunidade; valorizar e desenvolver a pesquisa; e desenvolver nos educadores a importância das questões sociais e o respeito ao próximo (Atcon, 1970, 11).

Para Atcon os objetivos de uma universidade integral seriam:

> *1. Educação Superior Geral, em cursos de formação, destinados a satisfazer em nível superior às necessidades não especializadas de uma grande parte da população;*
>
> *2. Educação e Treinamento não Especializados, em humanidades, ciências naturais e sociais, para o desenvolvimento básico do conhecimento;*
>
> *3. Educação e Treinamento de Formação Profissional, em número adequado às necessidades correspondentes da sociedade;*
>
> *4. Aperfeiçoamento e Treinamento Especializado, em técnicas e tecnologias, para o desenvolvimento agrícola e industrial da sociedade;*
>
> *5. Pesquisa Científica, como meio indispensável para uma educação sólida e como guia para o desenvolvimento de novas verdades a serviço da comunidade;*
>
> *6. Cursos de Especialização, em níveis graduados e pós-graduados; e*
>
> *7. Extensão Universitária, em todos os níveis e através de múltiplas atividades culturais e científicas (Atcon, 1970, 12).*

O autor considerava que a educação interferia no desenvolvimento socioeconômico de um país, este seria um forte motivo para que a América Latina investisse no ensino superior (Fávero, 1991, 20).

Uma de suas metas seria ampliar quantitativamente o ensino, assegurando um amplo atendimento à população que estava em constante crescimento. Sua preocupação também era quanto à qualidade desse ensino, apoiando-se em bases econômicas viáveis, com planejamento estruturado e minimizando gastos exacerbados. Segundo Serrano Atcon não esperava nenhuma mudança drástica ou instantânea, visava o presente com foco no futuro (Serrano, 1974, 11-17).

Na questão física, Atcon acreditava em uma universidade integral trabalhando em um campus também integrado, diferente das tradicionais cidades universitárias, que a seu ver, eram

> *[...] além de monumentais, impensadas e anti-funcionais, têm como finalidade primordial congregar – para efeitos arquitetônicos- numa determinada área geográfica uma série de escolas administrativamente independentes, academicamente soltas e estruturalmente inconexas entre si. Contra isso, o campus tece um tecido único, solidamente integrado, maleável e funcional (Atcon, 1970, 13).*

No seu livro Rumo à Reformulação Estrutural da Universidade Brasileira, Rudolph coloca que a América Latina atravessava uma crise estudantil quantificada pelo valor de 50% da população ser analfabeta, sendo de 1 a 2% com ensino secundário, números que reduziam ainda mais quando se falava em ensino superior, atingindo menos de 0,2% dos habitantes. A esses valores se devem a inúmeros problemas, sendo um deles a explosão demográfica. Além disso, mostra a lacuna no ensino, expondo os alunos a falta de conhecimento teórico prévio e levados a exaustivos estudos de laboratórios sem entenderem a real função de determinado procedimento. Tudo isso atrelado à falta de "apreço real pelo conhecimento em sim, nem respeito pelas autoridades que o representam" (Atcon, 1966, 10-13).

A ampliação da estrutura proposta por Atcon, tanto no campo físico como no pedagógico, baseava-se em flexibilidade estrutural e diversificação da docência, sempre com a preocupação voltada para a integração, somando as atividades acadêmicas e cientificas. Essa reformulação da estrutura tinha como objetivo oferecer a um número cada vez maior de alunos, dessa forma atenderia melhor a comunidade e daria oportunidade a uma gama maior de pessoas. Esse aumento abrangeria os dois aspectos descritos anteriormente, a parte quantitativa e a qualitativa (Atcon, 1966,14-15).

A principal proposta de Atcon para o campo pedagógico era criar uma nova unidade universitária, onde todas as matérias básicas do conhecimento se unificariam, com ressalva às com cunho estritamente profissional. Dessa forma, as matérias básicas se reuniriam em departamentos e incorporariam às "disciplinas afins ao seu campo de conhecimento", deixando o aluno com mais tempo para definir que rumo seus estudos acadêmicos seguiriam, profissional ou não. A ótica de Rudolph em relação à nova unidade, seria possibilitar uma maior integração das disciplinas onde os alunos permeariam, permitindo uma maior flexibilidade nas combinações dos cursos e ainda possibilitaria um menor custo para a Universidade em relação aos profissionais e espaço físico. Nesse formato, não caberia à individualização do professor na matéria, permitindo um intercâmbio, com o objetivo de estimular a concorrência entre eles, consequentemente novas iniciativas. Esse regime possibilitaria às faculdades profissionais uma liberdade para se focarem no real aprendizado da profissão, não se preocupando com as matérias básicas, além do que, na visão do consultor, os alunos se apresentariam com uma base mais abrangente e dinâmica, e em um número mais reduzido. Também possibilitaria desenvolver áreas que estavam estagnadas, como a pós-graduação, e fomentaria a difusão científica em cada unidade. Todo o processo de mudança poderia ser gradual, de acordo com a possibilidade financeira de instalar novos laboratórios (Atcon, 1966, 15-18).

Essa mudança pedagógica, além da administrativa, influenciaria fisicamente a Universidade, que deveria absorver as novas transformações. Inicialmente, pontuava que sua implantação, ou organização isolada, tinha uma influência negativa na comunidade. Após compreendida essa questão, como consultor, se limitava ao plano e não abrangia o projeto dos campi, para esse trabalho específico seria imprescindível à contratação de um urbanista, sendo considerado o passo inicial para a reestruturação de uma universidade, mas não bastava ser apenas um urbanista, por questão de falta de conhecimento de muitos, e sim um qualificado para o trabalho a ser desempenhado, bem como um trabalho de análise topográfica, subsolo, ambiental, entorno, acessos públicos e relação com os serviços urbanos, além de orientação solar e dos ventos nas edificações (Atcon, 1970, 28-37). No decorrer do Manual sobre o planejamento integral do Campus Universitário, suas diretrizes ainda direcionava o gabarito das construções e métodos construtivos coloca formas de melhor implantação dos edifícios, combinando áreas e circulação de automóveis e pedestres, de forma objetiva e prática.

Dentre os princípios iniciais, o consultor destacou a necessidade da criação de um anel envolto ao campus, delimitando sua área em relação à vizinhança, com função inicial de parque, podendo definir sua real utilização posteriormente como "adorno ou inversão". Outro fator relevante seria a escolha do tipo de edificação, que segundo o engenheiro, deveriam ser

horizontais, justificado pelo Brasil ser um país com uma grande extensão de terras, que poderia facilmente atingir esse objetivo, esquivando das tradicionais cidades universitárias, que a seu ver, se fazia valer de edifícios monumentais, retomando a ótica de racionalizar as construções de forma simples, econômicas e mutáveis (Atcon, 1970, 36).

O próximo passo seria os estudos de orientação solar para um melhor conforto térmico, particularizando o manual de acordo com a região de implantação, indicando ventilação cruzada como algo primordial. A partir destes quesitos deliberados, se iniciaria a zonificação (Atcon, 1970, 36-39).

Sobre a setorização, Rudolph Atcon fundamentou que seria a melhor forma de possibilitar a futura expansão da Universidade, além de integrar as atividades, dinamizando sua efetividade. Dessa forma, parcelou em sete grandes setores de vital importância para o funcionamento da estrutura acadêmica, com a preocupação de impactar o menos possível a comunidade universitária e manter um contato mais próximo dos setores intercessores. Para ilustrar, produziu diagramas com o intuito de ratificar suas locações. De acordo com a figura abaixo, a localização do setor básico (BA), no centro de toda a estrutura, era justificado por ser responsável pelas matérias básicas que dariam suporte para todos os cursos oferecidos no campus. O setor biomédico (BM) deveria se localizar em um dos extremos do terreno, essa localização é fundamentada pela localização do Hospital de Clínicas (HC), que deveria ter um acesso rápido pelos pacientes, a partir da principal avenida, sem atrapalhar a vida acadêmica. Em outro extremo, se locaria o setor esportivo (ES). Essa afirmativa de Atcon se relaciona não apenas pelos ruídos causados pelos esportes, mas também por segregar os enfermos dos saudáveis, uma opção, que a seu ver, minimizaria problemas psicológicos de um doente ao ver pessoas saldáveis praticando esportes. Se o objetivo da Universidade era atender a comunidade no departamento esportivo, este deveria ser de fácil ingresso da mesma forma que o BM, e extensivo a um estádio (quando houvesse). Em todo caso, se a Universidade visualizasse a possibilidade de construção de um estádio, que não se cometesse o erro da UFMG, que o locou no centro do campus, e também como o da UFRJ, ao lado do HC, de qualquer forma, era contrário a sua utilização como estádio municipal, fato que minimizaria a caracterização de campus (Atcon, 1970, 38-47).

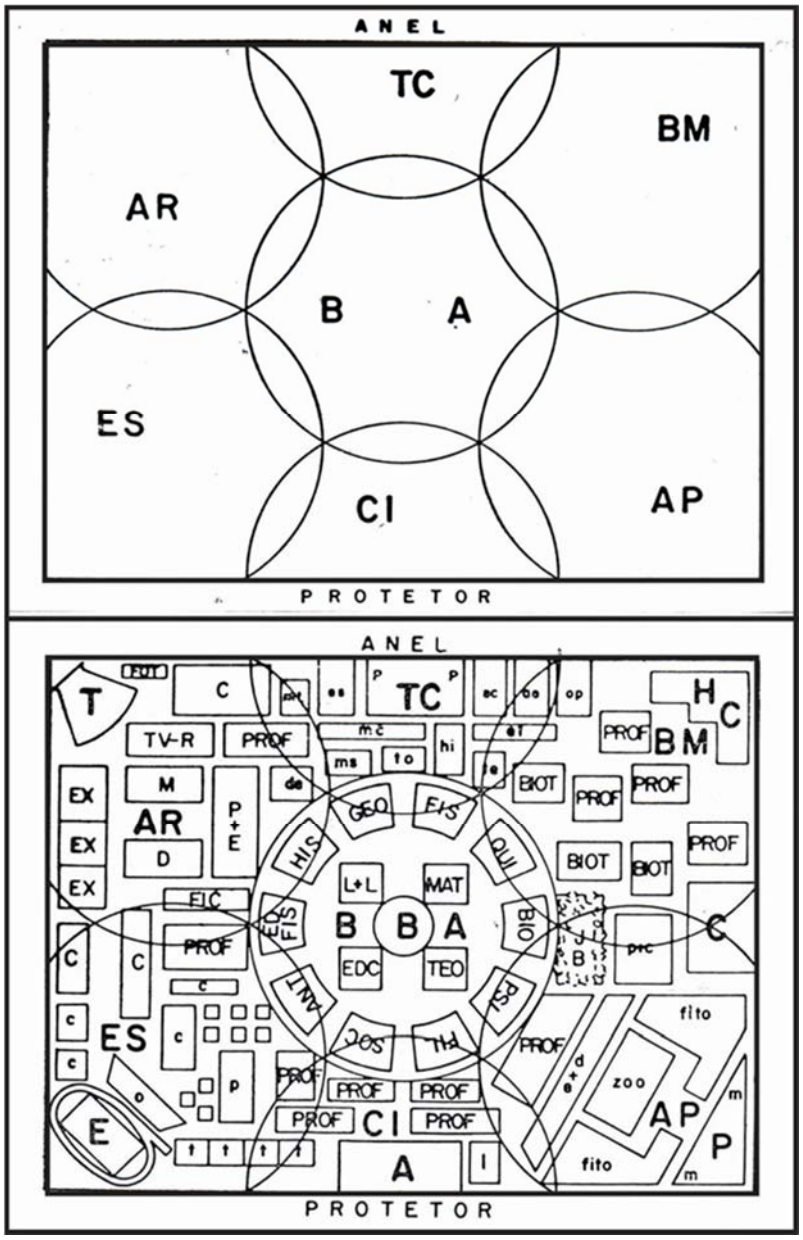

Figura 3: Modelo de "zonificação" de Rudolph Atcon (Atcon, 1970, 78,83)

Como o setor artístico (AR) dependia do departamento de história, este deveria se localizar próximo ao BA, e entre os setores, ES e TC (setor tecnológico). A justificativa para a localização do setor tecnológico (TC) ser ao lado do AR, seria por ser responsável pelas engenharias, tendo relação com atividades executadas no setor artístico. Apesar de ter o inconveniente de estar afastado das suas atividades básicas, por sinal o único, o centro cibernético (CI) deveria se instalar próximo aos setores AP e ES para ter um melhor desenvolvimento cibernético dessas áreas. Já o setor agropecuário (AP), por ter uma

familiaridade com a medicina, precisa ser adjacente e usufruírem de disciplinas básicas em comum (Atcon, 1970, 49-67).

Em relação ao tipo de edificação, estimulava a utilização de pavilhões como um facilitador na mutação dos espaços e expansão. O gabarito das edificações também é abordado como possibilidade de modificação, apesar de ser a favor de edificações de apenas um pavimento expansíveis horizontalmente, estas poderiam chegar ao limite de três andares, que possibilitaria um melhor aproveitamento de espaço sem onerar com aquisições de elevadores. Essa flexibilidade em horizontalidade e verticalidade se deve a diversificação de dimensões dos terrenos adquiridos, sendo a única possibilidade dos terrenos reduzidos à verticalização (Atcon, 1970, 86-88).

Durante visita a 12 universidades brasileiras a convite do MEC, em 1965, Atcon chegou a censurar a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) que estava ainda enraizada em pensamentos retrógrados de épocas passadas onde as cátedras se destacavam pelo seu isolamento. Por esse motivo Atcon ressaltava que a tarefa de integração da UFMG superava muitas outras, já que seus edifícios suntuosos e sem dinamismo, soltos pela cidade de Belo Horizonte, não atendiam suas necessidades e também não possibilitavam nenhum tipo de expansão, bloqueando a integração das áreas de ensino (Atcon, 1966: 48 e 49). Outra universidade que também sofreu críticas quanto a sua "monumentalidade" foi a Universidade Federal de Bahia (UFBa), que possuía muitos edifícios não funcionais, sendo especificamente os da Odontologia e o do Direito, suntuosos que não atendiam as necessidades que a faculdade exigia. Além destes dois, ainda destacou a construção de um terceiro, o da Farmácia, nos mesmos moldes (Atcon, 1966, 44).

No Manual, cita três universidades brasileiras como exemplo de suas ideias físicas: UFES (Universidade Federal do Espírito Santo), UFPb (Universidade Federal da Paraíba) e a UFPa (Universidade Federal do Pará) (Atcon, 1970, 86-88).

Quatro anos antes de mencionar essas instituições, em sua visita em 1965, Atcon desenvolveu críticas em duas, das três citadas a cima. Sobre a UFPb, a rotulou como uma universidade com grandes possibilidades de êxito, tanto pelo engajamento do reitor e demais profissionais envolvidos em reformular a tradicional instituição, como também pelos programas por eles já definidos. Em relação à UFPa, comentou ser sua segunda visita, a anterior, feita a há 11 anos, já demonstrava um adiantamento em relação às demais existentes, mesmo sendo ainda apenas faculdades profissionais. E estava em constante crescimento e melhora, ao contrário da UFPb, que apesar de já dispor de bons terrenos, esses ainda não chegavam a 500 hectares, já a UFPa, ultrapassava esse quantitativo (Atcon, 1966: 23-39). A UFES não fez parte dessas visitas em 1966, mas teve em um dos seus campi, o

das Goiabeiras, grande influência do consultor, através de uma Proposta de Reestruturação da Universidade (Borgo, 1995, 109-110).

4. CONCLUSÃO

Neste artigo foi possível identificar que as diretrizes defendidas por Atcon em suas diversas atuações em órgãos definidores de políticas educacionais para o ensino superior no Brasil, suas publicações e suas consultorias tiveram forte impacto na estruturação administrativa, pedagógica e física de diversas universidades no Brasil. Fisicamente, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) foi um deles, em 1966. As similaridades com os preceitos de Rudolph iniciam desde a contratação de arquitetos, mas que seguiriam as diretrizes traçadas pela Comissão Organizadora da Universidade. Essa Comissão foi liderada pelo Zeferino Vaz, então reitor da Universidade de Brasília (Pinto; Buffa, 2009: 129), por essa ocasião, teve grande inspiração na UnB (1960), que, por conseguinte foi influenciada por Atcon, através de cartas e documentos trocados com Anísio Teixeira (CPDOC, 1961). Essa similaridade é mantida tanto em relação à zonificação, quanto método construtivo. No primeiro caso, é demarcado pela localização do setor básico em uma grande praça central, circundado pelos demais setores, nesse caso a diferenciação é percebida pelo anel verde proposto por Atcon e o anel viário concebido para o campus em questão. Em relação ao modo construtivo, a ideia de simplicidade e modulação também se manteve (Pinto; Buffa, 2009, 129-136).

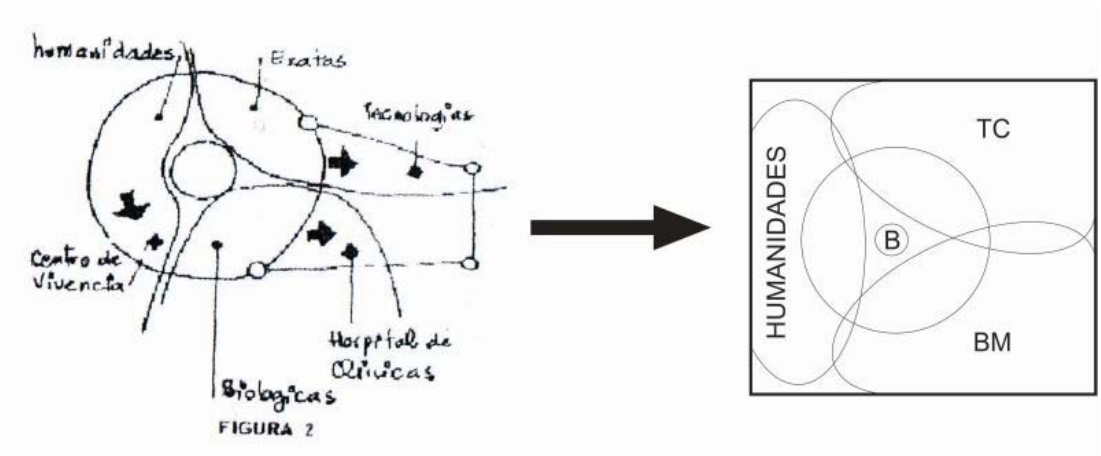

Figura 4: "Zonificação" da Unicamp e adaptação para modelo de Rudolph Atcon. Fonte: (PINTO; BUFFA, 2009:) e adaptação elaborada pelos autores

Resumindo, Percebe-se que Rudolph Atcon tornou-se um ator privilegiado no processo de reforma universitária na década de 1960 não apenas por atuar no campo político e administrativo, mas também por relacionar suas propostas para a reforma universitária com uma estratégia de planejamento físico das universidades.

BIBLIOGRAFIA

ATCON, Rudolph P. Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira. Rio de Janeiro: MEC/DES, 1966.

ATCON, Rudolph P. Manual sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário. 1970.

ATCON, Rudolph P. Teoria sobre Administracion Universitaria. In: ATCON, Rudolph P., TRUCCO, Henrique Tono. Teoria sobre Administracion Universitaria. Administracion Academica. Guadalajara: UAG/OEA, 1973.

ATCON, Rudolph P. A síndrome da densidade. Rio de Janeiro: Eu e você, 1984.

ATCON, Rudolph P. La Universidade Latinoamericana - Clave para un enfoque conjunto del desarrollo coordinado social, económico y educativo en América Latina. Edición digital por Christian Hernández Amaya. Bogotá, 2009.

BORGO, Ivantir Antônio. UFES: 40 Anos de História. Vitória:UFES Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1995.

CUNHA, Luiz Antônio. A Universidade Crítica: o ensino superior na república populista. 3. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007a.

CUNHA, Luiz Antônio. A Universidade Reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior. 2.ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007b.

DIAS, Fernando Correia. A Construção do Sistema Universitário no Brasil: Memória Histórica do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Brasília: CRUB, 1989.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Da Universidade “Modernizada” à universidade disciplinada: Atcon e Meira Mattos. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

SERRANO, José. Atcon e a universidade Brasileira. Rio de Janeiro, 1974.

TEIXEIRA, Anísio S. Carta de Anísio Teixeira a Rudolph P. Atcon enviando-lhe material sobre o ensino superior e a Universidade de Brasília. s.l. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), 1961.